



DESOCIDENTAR-SE: ABERTURAS E CAMINHOS PARA O OUTRO

ENTREVISTA COM MARIA INÊS DE ALMEIDA

Cleber Araújo Cabral*
João Rocha**

* clabrac1980@gmail.com
Mestre em Teoria da Literatura e doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na FALE/UFMG.
** jaroachabr@yahoo.com.br
Mestre em Teoria da Literatura e doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na FALE/UFMG.

COMO O ABANDONO DA IDEIA DE TERRITÓRIO PELA NOÇÃO DE PAISAGEM PODE AUXILIAR A REPENSAR E DESLOCAR A NECESSIDADE DE CATEGORIZAÇÃO PRÓPRIA À CRÍTICA E A TEORIA DA LITERATURA?

O abandono da ideia de território pode levar ao abandono da ideia de propriedade. A paisagem é até onde o olhar alcança. Assim também a literatura pode existir sem fronteiras nacionais, impedimentos linguísticos, ou semióticos. Os direitos autorais seriam revistos sob a ótica da paisagem.

A INSTITUIÇÃO LITERATURA SE ENCONTRA VINCULADA A CERTA IMAGEM MODELAR (EUROPEIA) DE CULTURA, DE LIVRO E DE PENSAMENTO. A SEU VER, COMO A IDEIA DE UMA LITERATURA EXPATRIADA, DE FRONTEIRAS MOVEDIÇAS, PODE AUXILIAR NO DESLOCAMENTO DA EXPERIÊNCIA?

Na experiência o mundo se expande. Na instituição ele se fecha. A pátria, a paternidade, vinculam o que um dia foi da experiência aos limites do próprio, da cultura, demarcam o espaço. A literatura – a experiência da letra – foi limitada na cultura ocidental (europeia), que de algum modo se tornou a cultura global, ao livro e à escrita alfabética, mas quando voltamos ao grau zero da escritura reencontramos a liberdade de não pertencer. Antes da letra do alfabeto, tem a inscrição da experiência, que, muitas vezes, é um rastro despojado de sentidos prévios.

EM SEU LIVRO *DESOCIDENTADA*, A SENHORA PARTE DE UMA FRASE PROFERIDA POR JACQUES LACAN QUE DIZ: “NÃO HÁ ESPERANÇA PARA UM OCIDENTADO”. A PARTIR DAÍ, VEMOS UMA DIREÇÃO PARA

CERTO “DESOCIDENTE”, PARA CERTA COMUNIDADE DOS “DESOCIDENTADOS”, COMO, POR EXEMPLO, OS ÍNDIOS, OS POETAS... SE CONCORDAMOS COM A FRASE DE LACAN, QUAL SERIA A ESPERANÇA PARA UM “DESOCIDENTADO”? A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA SERIA UMA EXPERIÊNCIA “DESOCIDENTADA”? SERIA A TRADUÇÃO UM MEIO DE ACESSO A ESSE “DESOCIDENTE”?

O gesto poético, criativo, não aponta para a clivagem entre corpo e espírito, marcante no que convencionalmente chamamos de “ocidente”. A canção do Gil: “Se oriente, rapaz, pela constelação do Cruzeiro do Sul...” convoca o ouvinte para se direcionar para fora da Europa. A literatura americana vem toda de experiências desocidentadas. Mas é interessante pensar que também a literatura produzida na Europa trabalha contra a ocidentalização, desmancha os mitos que engrandecem o “homem branco”. A esperança para um desocidentado? Ficar livre da culpa e assumir a potência do super homem.

HÁ DUAS IDEIAS MUITO IMPORTANTES QUE PARECEM SEGUIR SEU TRABALHO COM A LITERATURA INDÍGENA: AS DE LETRA E DE CURA. AMBAS SÃO MUITO CARAS À PSICANÁLISE, MAS POUCO TRABALHADAS NO CAMPO DA TEORIA DA LITERATURA. QUAL A RELAÇÃO ENTRE ESSAS DUAS NOÇÕES E, FAZENDO UM JOGO COM O TÍTULO DO SEU LIVRO, A “LITERATURA DESOCIDENTADA”?

A depuração promovida pela escrita, no sentido amplo e não só a alfabética, é um processo de cura. O traço, ou letra, o que pode ser lido pelo outro, a transmissão da vida vivida,

em algum nível, faz o laço de amor que mantém a espécie humana. A saúde decorre da purificação resultante do processo de abandono dos escolhos do sujeito, que é o processo de escrita. Assim eu entendo que a letra e a cura se associam. Desocidentar-se seria curar-se da tradição que coloca o sujeito no controle do processo semiótico. Os índios escrevem completamente porque já não se veem como indivíduos, mas como agentes de saúde do corpo coletivo. O que vem a ser o texto é o resultado de uma abertura para a ancestralidade e para a comunidade. O escrito, para eles, demonstra o processo de resgate do mais comum, do que tornou um grupo humano um povo, uma etnia, uma comunidade. Os espíritos são convocados para a cura da terra, para a cura da pessoa, porque eles já se transformaram em pura letra.

A SENHORA E O NÚCLEO DE PESQUISA LITERATERRAS TRABALHAM COM TEXTOS QUE SÃO DENOMINADOS, POR VOCÊS, COMO “TEXTUALIDADES EXTRA-OCIDENTAIS”. NESSA DIREÇÃO, NÃO PARECE HAVER UM PENSAMENTO BINÁRIO, POR EXEMPLO, AQUELE EM QUE O MUNDO É DIVIDIDO ENTRE OCIDENTE E ORIENTE. QUAL A ESPECIFICIDADE DOS TEXTOS QUE COMPÕEM TAL TEXTUALIDADE? A SENHORA PODERIA COMENTAR UM POUCO SOBRE ESSA NOÇÃO DE “TEXTUALIDADES EXTRA-OCIDENTAIS”?

O termo textualidade, nosso grupo retira da obra de Maria Gabriela Llansol para designar a literatura fora da noção de território (nacional, linguístico, semiótico). Texto sendo o

que será lido pelo outro. Por que extra-ocidental? Porque será de fora da perspectiva da tradição iluminista, francamente europeia. Não só porque é produzido em outros continentes (até porque algo feito na Europa pode ser extremamente extra-ocidental), em outros contextos culturais, mas porque aponta para fora da lógica ou da racionalidade consolidada desde a civilização Greco-romana.

O DOSSIÊ TEMÁTICO DESTA EDIÇÃO DA *EM TESE* TRAZ COMO TÍTULO UMA FRASE DE MARIA GABRIELA LLANSOL: “A LÍNGUA É A PORTUGUESA, MAS O PENSAMENTO ESTÁ A ALARGAR-SE”. NESSE CAMINHO, DO PENSAMENTO A SE ESTENDER PARA ALÉM DE LIMITES DETERMINADOS POR CONCEITOS, A SENHORA PODERIA COMENTAR AS DIVISÕES NO CAMPO DA LITERATURA (BRASILEIRA, PORTUGUESA, AFRICANA, INDÍGENA ETC) QUE SE FUNDAMENTAM EM NOÇÕES DE NAÇÃO E IDENTIDADE?

As demarcações na arte não servem para nada, ou melhor, servem sim, para excluir e limitar. Para impedir que a recepção se transforme em novas produções. Toda leitura é um gesto tradutório. Se a historiografia e as demais instituições científicas têm necessidade de usar rótulos, é porque precisam se afastar da arte para sobreviverem. Isto é o que Llansol reafirma, e que poetas multilíngues como Gregório de Matos ou Sousândrade também afirmaram com suas obras.

NO CAMPO DAS “TEXTUALIDADES EXTRA-OCIDENTAIS” CONCEITOS COMO NAÇÃO E IDENTIDADE, SERIAM AINDA NECESSÁRIOS? ESSAS

TEXTUALIDADES ESTARIAM LIGADAS, DE ALGUMA FORMA, A ESTAS NOÇÕES TAL COMO CONCEBIDAS POR NÓS, OCIDENTAIS? SE NÃO, COMO ESSAS IDEIAS APARECEM OU NÃO NESSAS TEXTUALIDADES?

Esses conceitos são fruto do medo de desaparecer, mas paradoxalmente, só o desaparecimento do sujeito produz a letra...e a literatura. Nação e identidade são conceitos, a meu ver, necessários para quem não acredita na força da arte. E quem é devoto da arte sabe que mais importante é a vida. Ser ou não ser... Para os índios, assim como para os grandes escritores, como a Llansol, por exemplo, o que produz é o caminho para o outro. O negócio aqui é não ser e não ter. Roteiros, roteiros, roteiros...

PARA TERMINAR, LEMBRAMO-NOS DE UM TRECHO DA NARRATIVA “NO ADORÁVEL AZUL”, DE HÖLDERLIN, TALVEZ UM “DESOCIDENTADO”, QUE DIZ: “TAL É A MEDIDA DO HOMEM. RICO EM MÉRITOS, É NO ENTANTO POETICAMENTE QUE O HOMEM HABITA NESTA TERRA”. PERGUNTAMOS: O QUE NÓS OCIDENTADOS, E POR ISSO MESMO SEM ESPERANÇA, SEGUNDO LACAN, PODEMOS APRENDER COM OS “DESOCIDENTADOS”? SERÁ MESMO POETICAMENTE QUE HABITAMOS A TERRA?

Acho que podemos aprender – e talvez eu aprenda um pouco a cada ida para as aldeias indígenas – que a terra é o paraíso mesmo e que todo homem que se dedica ao convívio estético com seus semelhantes e dessemelhantes vive feliz. Pensando bem, a gente ia descobrir que tudo o que se necessita para viver com saúde e alegria nos foi dado. E de graça.